

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Histórias de Internautas

O caminho de Dulce

História de [Dulcineia Antônia da Silva](#)

Autor: [Marcela Novaes](#)

Publicado em 04/06/2019

Projeto Memorial Espaço de Bitita
Depoimento de Dulcineia Antônia da Silva
Entrevistada por Marcela Pires Ferreira Novaes da Silva e Marcia Trezza
São Paulo, 04/04/2019
PCSH_HV_724_Dulcineia Antônia da Silva
Realização Museu da Pessoa
Transcrito por Liliane Custódio

P/1 – Bom, qual o seu nome?

R – Dulcineia Antônia da Silva.

P/1 – Onde você nasceu? Quando?

R – Eu nasci em Recife, Pernambuco, numa cidade chamada Cavaleiro.

P/1 – Cavaleiro. E quando?

R – Em 1958. No dia 10 de dezembro de 1958.

P/1 – Qual o nome dos seus pais?

R – Meu pai, Manuel Antônio da Silva, e minha mãe, Antônia Maria da Silva.

P/1 – E o que eles faziam na época?

R – Bom, meu pai trabalhava no campo, ele era lavrador, e minha mãe era dona de casa, também às vezes trabalhava de empregada doméstica em algum sítio ali por perto mesmo, porque quando éramos crianças, ela precisava cuidar da gente.

P/1 – E, assim, o que você falaria do seu pai, da sua mãe?

R – Do meu pai, o meu pai era um homem assim que eu admirava muito e que eu vim a conhecer mais depois que eu cresci e amadureci. Foi que eu vim a compreender a importância do lidar com a terra. Porque mesmo quando eu tinha mais ou menos uns oito, nove, dez anos, por aí, eu fui com ele para a lavoura e trabalhei com ele, limpei também o mato. Então essa lembrança é muito significativa para mim. Então meu pai é um homem que eu amava, e amo, e respeito muito, mesmo ele já não estando aqui. Minha mãe também. Minha mãe é uma pessoa muito simples, uma pessoa que não estudou, não sabe ler e nem sabe escrever até hoje, mas é uma pessoa de uma alma imensa, uma mulher forte, aquelas mulheres guerreiras mesmo, que diante das dificuldades da vida, jamais desanima. Então ela para mim é a minha mãe, a pessoa que eu admiro muito. Teve uma vez até que eu escrevi uma carta para ela, porque eu estava aqui em São Paulo, e a minha irmã ia para lá. E eu, falei, eu não vou, então eu

vou escrever alguma coisa e pedir para a minha irmã ler para ela. Que agora eu a entendia. Porque eu cresci, já era uma pessoa adulta, aí eu compreendi o papel dela e a importância.

P/2 – Você se lembra de algumas palavras que você escreveu para ela na carta?

R – Pouca coisa. Eu lembro que eu falei para ela isso que eu estou te falando, que eu a entendia porque agora eu era adulta e eu a entendia.

P/1 – E você diz assim, que você passou a entender seus pais, seu pai, sua mãe, você lembra se na sua infância você tinha alguma coisa que você não entendia direito, dos costumes deles? Como eram os costumes?

R – Olha, começa assim, eu não vivi muito tempo com eles, mas eu tinha uma convivência. Porque quando eu era pequena, não sei quanto tempo eu tinha de idade, quantos meses eu tinha, a minha mãe me emprestou, digamos assim, para a minha tia. Porque a minha tia se casou, mas ela não tinha filhos. E minha mãe pegou e me emprestou para ela. E eu fiquei com a minha tia na cidade, minha tia era empregada doméstica, e eu fiquei na casa onde a minha tia trabalhava morando com ela. E a minha mãe ficava de longe. Mas volta e meia eu ia para onde ela estava e ficava por volta de um ano, um ano e pouco lá, depois voltava para Recife de novo. Então eu vivia essas idas e voltas, e vai, e volta, muitas vezes. Entendeu? Então a convivência, cada ano, eu me lembro de um ano, foi quando eu fui alfabetizada, que eu estava lá com ela, ela me colocou numa escolinha que ficava num vilarejo bem próximo da gente. E eu fui. Ela falou: “Vou colocar você na escola”. E me colocou, mais os meus irmãos. Eu ainda estava sem ser alfabetizada. E foi aí que eu, nessa escolinha, que era uma casa, na verdade não era nem uma escola, era uma casa onde uma pessoa reunia um grupo de crianças para ensinar a ler e a escrever. E foi nesse período que deu um insight, eu estava com uma folha escrita ba, be, bi, bo, bu, que eu até falei que estava lá no pé de macaíba, que eu olho assim, dá um insight que B com A é bá. Pronto, foi lá, vivendo com os meus pais esse período que eu dei um insight de aprender o ba, be, bi, bo, bu.

P/1 – Bom, você comentou dos seus irmãos. Quantos você tem?

R – Éramos 12. Minha mãe teve... Como ela teve dois casamentos, então tinha bastante filho. E agora acho que só tem uns oito, acho. Ou sete, nem sei direito.

P/2 – E você disse que tinha uma lembrança forte do seu pai, você ia para a roça com ele. Você se lembra de algum momento, algum dia assim, que até hoje ficou marcado?

R – Tem. Tem. Tem um, por exemplo, o meu pai, o lugar onde a gente morava tinha uma casa de farinha, isso para as pessoas, pode ser até que elas nem saibam o que é uma casa de farinha. Mas lá no sítio onde eu morava tinha uma casa onde se fazia farinha mesmo, pegava a mandioca, descascava, passava pelo rodeio para triturá-la, depois espremia, quando ela já estava totalmente tirado o líquido dela, se jogava num forno imenso que tinha. Então essas farinhadas, esses momentos eram muito gratificantes. E era o meu pai que mexia lá no forno, a farinha, jogava para um lado, jogava para o outro, até ela ficar quebradinha, bem gostosa. Minha mãe também presente, fazia uns beijus, umas tapiocas assim, que era qualquer coisa, que está na minha memória até hoje, muito saborosos. Então eram momentos de muita alegria, porque eu também era criança, então era muita festa, era muito contentamento, para comer a farinha, os bijus, nossa, era muito bom.

P/1 – Muito bom. E você se lembra, assim, de onde você passou a sua infância, a sua casa?

R – Olha, lembro. Era uma casa que ficava bem afastada da cidade, ficava bem para o sítio mesmo, tanto que não tinha luz elétrica. A gente usava candeeiro com querosene na época. Durante o dia era uma beleza, tinha muitos pés de fruta, tinha manga, laranja, melancia que o meu pai plantava também, cana, então era assim, maravilhoso. A gente subia nos pés de manga, ia aos vizinhos, pegava caju, chupava caju, muito, muito bom.

P/2 – À noite, começava a escurecer...

R – À noite, aí era recolhimento, porque não dava mais para fazer mais nada. Era deitar e dormir. Comer, né, o jantar, a minha mãe fazia, e deitar e dormir, porque era luz de candeeiro.

P/2 – Tinha algum momento que tinha a hora de contar história, alguém contar histórias assim?

R – Olha, nesse sítio não. Mas depois que meu pai se transferiu para Muribara, que era outro município de lá, eu tenho lembrança de o meu pai contando história para a gente. Mesmo a casa não tendo luz elétrica, era luz de candeeiro, e era também afastado da cidade, o meu pai contava história, e a gente ria muito. Ria, mas ria muito. Então são esses momentos que eu guardo na lembrança.

P/1 – Que tipo de história ele contava?

R – Ah, era história de assombração. Minha tia, por exemplo, contava muita história de assombração. Ou então fatos que aconteceram com ele, que se tornavam engraçados para a gente. Era isso.

P/1 – E você brincava do quê? Brincava com os seus irmãos?

R – Com os meus irmãos, a gente brincava muito de andar subindo, trepando nas árvores, comendo fruto. Isso. Tomando banho no rio. Eram essas coisas que a gente brincava. Depois, já lá em Muribara, nos dias que a gente foi, eu me lembro do momento em que a gente... Eu brinquei

de professora com eles. Tanto que quando foi para eu escolher o que eu ia fazer depois da oitava série, que eu terminei o supletivo, falei: “Nossa, mas eu brincava de professora com os meus alunos”. A minha patroa falou assim: “Olha, ali na Pedrosa de Moraes” – que era em Pinheiros – “tem o Fernão Dias Paes, e lá tem o Magistério”. Eu fui lá e me inscrevi e fui sorteada, porque não era chegar lá, se inscrever e já estava matriculada. Fui sorteada. Ouvei o meu nome, falei: “É isso mesmo”. O primeiro ano era básico e os outros três anos eram formação no Magistério.

P/1 – Então você meio que faz hoje o que você queria ser quando era criança?

R – É. É. Foi quase que inconsciente, porque eu não sabia... Eu falei assim: fazer faculdade não dá, com os 200 reais que eu ganhava. Naquela época não era nem reais ainda, acho que estava no cruzeiro ainda. Falei: “Bom, tem que fazer alguma coisa”. E conversando com a minha patroa, porque ela também era professora, foi quando eu falei: “Poxa, eu vou fazer mesmo o Magistério. É a única coisa que está possível neste momento”.

P/1 – Bom, você falou que esse acontecimento foi em Pinheiros. Você migrou, então você veio para cá?

R – Vim. Vim para cá.

P/1 – Foi com que idade?

R – Eu estava acho que com uns 15 para 16 anos. Eu chegando aqui, naquela época era muito popular a questão do cortiço. Eu vim com o meu irmão mais velho e nós fomos morar junto com um amigo dele e nós fomos morar num cortiço. Isso era o ano de 1973. Meu pai... Foi no mesmo ano em que meu pai faleceu. Ele faleceu em janeiro e nós viemos para cá em novembro. Então dia dois de novembro nós chegamos aqui a São Paulo, uma chuva, garoando, aquele frio, e eu só tinha uma única blusa. E a gente foi morar no cortiço. Fomos para lá e fiquei um mês, eu acho, depois o meu irmão arranhou uma casa para trabalhar de empregada doméstica e eu fui para essa casa, e ele ficou para lá. E eu fiquei lá trabalhando durante... Trabalhei uns 14 anos nessa casa.

P/2 – A primeira casa, você ficou todo esse tempo?

R – Todo esse tempo. Mas era por quê? Porque a gente chega novo na cidade, você não conhece a cidade, você está acostumada com cidade do interiorzinho, que você conversa com todo mundo, conhece todo mundo. De repente você vem para uma cidade grande, não sabe de nada, não conhece nada. E eu fui trabalhar numa casa, assim, muito difícil. Imagine você, uma casa, uma cidade onde você não conhece nada, numa casa extremamente oprimente, porque terrível, e você tem que ficar, porque você não tem como sair. Você vai sair e vai para onde, se você não tinha quase... E meu irmão, acho que uns meses depois, ele volta para Recife. O outro meu irmão veio, mas ele não sabia onde eu estava. Então fiquei muito tempo sem nada. Eu fiquei lá por ficar, porque não tinha como sair. Mesmo a situação sendo extremamente difícil.

P/2 – E você não tinha contato com a família? Você perdeu o contato?

R – Eu escrevia. A única comunicação que tinha na época era carta, porque não existia e-mail, não existia... Computador então era uma fantasia, só se sonhava. Então eu não tinha como, e era por meio de carta. Muitas vezes... E como eu ia colocar a carta no correio, se eu não saía? Se eu não tinha dinheiro? Uma vez eu escrevi uma carta, pedi para a patroa colocar no correio para mim, muito tempo depois, limpando o armário, encontrei a carta em cima do guarda-roupa, a carta que era que eu esperei resposta. Resposta que nunca chegou, porque a carta nunca foi. Então fui trabalhar, mas foi um período muito difícil. Mas mesmo assim eu fiquei 14 anos lá. Até que chegou um dia... Se eu for relatar como era lá, vai ser muita coisa.

P/2 – Mas conta um pouco, Dulci. Mas alguma coisa, alguma situação que mostra bem como era.

R – Quando eu cheguei lá, logo acho que no segundo dia, ela pediu a minha carteira de trabalho, dizendo que ela tinha uma empregada lá, e a empregada um dia desmaiou e ela não sabia o nome. Entreguei minha carteira. Passa o mês, passa o ano, e nada de eu rever minha carteira. Quanto ao salário, ela dizia que estava depositando na poupança, poupança essa que eu nunca vi. E eu lá, fui trabalhando, fui trabalhando, e trabalhei, e fui ficando, até que eu entrei... Chegou um período que eu não dormi, eu fiquei acho que uma semana... Uma semana? Acho que três semanas sem dormir. Acordava, virava o dia, trabalhava, ia para lá, ia para o quarto, amanhecia o dia, e virava assim. Até que deu um piripaque, eu fiquei assustada, estava acontecendo alguma coisa, fiquei com medo. A única liberdade que eu tinha era assim, de domingo ir à missa, que era o único contato que eu tinha, que era com os seminaristas da igreja. E eu conversava com eles, contava a situação, mas eu voltava para lá e continuava trabalhando. Quando deu esse piripaque, ela falou assim: “Você quer que eu mande você para casa?”. Eu falei: “Não. Agora eu não tenho condições de viajar sozinha”. Eu estava num estado emocional muito ruim. E eu pedi para ela: “Leve-me lá para a igreja para falar com o Padre Getúlio”. Que eu o conhecia. Chegando lá, me sentei no banco, o padre me ouviu, me escutou, e eu disse para ele: “Não põe a mão em mim, senão você vai pegar coisa ruim, que eu estou com ela”. Eu acho que ele percebeu que eu não estava bem, ele me levou lá para casa deles. Chegando lá na casa, perguntou se eu queria água, eu: “Sim”. Bebi a água e eles me levaram para deitar. Eu só lembro que eles me levaram.

P/2 – Quando você foi procurar o padre.

R – É. Eu fui, cheguei lá à casa dele, ele me deu água para beber, e percebeu acho que eu estava com sono, alguma coisa assim, me levou para cama. Eu lembro que eu deitei, para mim tinha dormido. Não. Depois que eu acordei, porque depois eu dormi, ele falou que eu levantei várias vezes, e que ficava chamando as pessoas para rezar, e que eles me levavam para cama de novo, e que eu saía da cama, e que fiquei nessa coisa, até quando eles me levaram e eu dormi. Dormi três dias. Dormi três dias. Quando eu acordei, eles quiseram me levar para a cama de novo, mas

eles perceberam que eu já estava bem. Que eu estava bem, me deu água, chamou a minha ex-patroa... Antes eles devem ter conversado com ela, devem ter chamado a atenção, que eles não façam isso, conversado sobre o comportamento nada bom. E ela me levou para a casa novamente, aí eu decidi. Quando eu cheguei lá à casa dela, eu fiquei muito angustiada, sabe? Eu falei: “Eu não vou ficar aqui, não”. Cheguei para ela, eles eram.. Tinha um hotel aqui em São Paulo, Grão Pará, que ficava lá em frente à Praça da Bandeira, que não existe mais hoje, e eu falei para ela: “Olha, quinta-feira eu vou embora” “Ah, mas você não quer ficar mais um pouco?”. Falei: “Não quero”. Ela conversou comigo, eu falei: “Ah, tá. Tá bom, eu fico”. Para quê? Voltou novamente a angústia. Falei: “Não vou ficar mais aqui”. Liguei para ela, falei: “Olha, eu não vou ficar mais aqui. Quinta-feira eu vou embora”. Tá. Trabalhei normal, porque era um sobrado muito grande e só tinha eu de empregada. Porque ela trazia as empregadas, mas elas não ficavam, porque ela era uma pessoa muito nervosa, muito estressada, e as pessoas não querem ser tratadas assim. Eu, talvez por eu ter um temperamento mais tranquilo, eu não entrava em atrito com ela. Então uma coisa, eu ia levando as minhas mágoas, as minhas dores. Ia levando.

P/2 – E tinha mais gente na casa além dela?

R – Tinha. Tinha ela, o esposo, dois filhos, depois nasceu uma menina, que era a Adriana. Então tinha toda essa gente na casa, e eu, que trabalhava. O filho dela foi estudar Medicina em Sorocaba, chegava no final de semana, voltava, eu que tinha que lavar roupa, dar conta de domingo estar com a roupa limpa, passada, sequinha, para ele arrumar a mala e voltar. E o único divertimento que eu tinha era ir para igreja, que era onde eu conversava com os meninos, onde eu cantava, onde eu lia as lições do evangelho.

P/2 – Você disse que ia embora...

R – É. Eu disse que ia embora. Eu falei assim: “Olha, eu só quero que a senhora me dê uma coisa: a minha carteira que a senhora pediu e um trocado para eu andar de ônibus. Chegou quinta-feira, carteira eu vi, agora, trocado, nada. Eu acabei de arrumar a cozinha, lavei todos os pratos, naquele dia eu fiz uma faxina na casa, deixei a casa limpinha. Acabou, subi lá, porque o meu quarto ficava do lado de fora, porém na parte de cima, porque embaixo era lavanderia, em cima era o quarto da empregada, peguei duas peças de roupa: uma saia e uma blusa, uma frásqueira que tinha sido a sogra dela que tinha me dado, desci, entrei na cozinha, fui até a sala, conversei com ela, eu disse assim para ela, que o dinheiro que ela não tinha me dado, que ela desse para uma instituição de caridade, que eu ia trabalhar e ia conseguir. Ela me entregou a carteira, vi lágrima sair dos olhos dela, falei para a filha dela: “Cuide da sua mãe”. A porta da frente, a mesma porta que eu entrei, eu saí por ela. Até hoje. Saí, isso foi numa quinta-feira, fui para a casa de uma senhora que eu conheci também na igreja, a Alexandrina, uma senhora já bem idosinha. No sábado, que eu fui para assistir à missa, encontrei os seminaristas lá, eles falaram: “Olha, tem uma pessoa que está precisando de empregada”. No sábado eu estava empregada já. Foi onde começou a minha vida. Onde eu comecei a estudar, fui fazer supletivo. Agora, a minha idade, eu estava com 30 anos quando eu saí de lá. Entrei com 16, 15 para 16 anos, e saí com 30.

P/2 – E nunca ganhou um..

R – O primeiro salário eu vi. O primeiro salário. Depois nunca mais vi nada. Fui. Fui para a casa da Cida, trabalhei lá uns 12 anos também, mas aí era diferente, porque a Cida tinha uma consciência muito grande de justiça, de direito que o ser humano tem que ter. E ela, mesmo sendo a patroa, ela me liberou para eu fazer o supletivo à noite. Depois, quando eu fui fazer o Magistério, comecei acho que era à tarde, depois passou para de manhã, e mesmo assim, saíamos eu, ela, os filhos, o marido, todo mundo, e voltávamos. Quando ele voltava, já era meio-dia, ela preparava o que tinha sobrado da janta à noite, era o que se comia. Fazia-se janta para a noite, para as crianças. E foi assim durante os quatro anos do Magistério. O supletivo foi mais tranquilo porque era à noite. Era à noite, depois de fazer todas as obrigações, mesmo eu estando cansada, porque muitas vezes eu ia para a aula de Matemática, eu dormia, a professora, muito generosa, dizia: “Tudo bem, Dulcineia, você está cansada. Eu sei, você trabalhou”. A Lúcia é uma professora assim que eu também não esqueço, uma negra também, muito maravilhosa. E foi aí que eu comecei a conhecer o Brasil, através da leitura, através dos escritores, na aula de Português que a gente tinha, de Literatura. Então eu fui conhecer Manuel Bandeira, vi que ele era meu conterrâneo, Vinícius de Moraes. Então foi muito legal. Muito bom.

P/2 – Dulci, fala dessa época, porque é bem legal. Você voltou para EJA. Foi EJA? Era EJA?

R – Era. Era EJA sim.

P/2 – E você estudou até que ano na sua cidade, antes de vir?

R – Ah, isso é interessante. Porque quando eu fiz mais ou menos uns sete para oito anos, porque acho que naquela época não ia muito novo para a escola. Matricularam-me numa escola, e naquela época escola era tudo militar. E eu fui, só que eu fiquei só seis meses na escola. Eu acho que como eu já estava alfabetizada, me colocaram no segundo, na segunda série. Mas eu só fiquei seis meses, porque veio a época das férias. Aí me levaram para a casa, mas não me levaram de volta. Eu não sei se é porque a escola era uma coisa que... Porque eu me lembro de uma situação que houve com uma professora, eu não sei por que eu levei um bilhete, e não sei quem tinha que assinar, eu peguei e parei numa lojinha assim, numa vendinha, que lá a gente chama de venda, e lá em Recife, e eu pedi para o dono da venda, falei: “O senhor poderia assinar aqui?”. Ele assinou. E eu levei para a escola. Só que era o nome da professora. Acho que é por causa disso que não me levaram mais para a escola. Só sei dizer que terminaram as férias de junho, em agosto eu não voltei. Então eu fiz malémá meio ano de segunda série. Entendeu? Quando eu fui para o supletivo, eles fazem uma provinha para ver onde você está, e eles me colocaram no quarto ano, mas eu não me sentia segura para o quarto ano. Aí eu fiz o terceiro de novo e comecei do terceiro ano, da terceira série. Fiz o terceiro, o quarto, até o oitavo, a oitava série, no supletivo. Então lá em Recife, eu fiz meio ano de segunda série.

P/2 – E aqui, quando você volta para a escola, além de ter essa descoberta pela literatura, o que mais te marcou assim, que foi importante nessa volta?

R – Ah, tinha as aulas de arte. Porque as aulas de arte não eram aquelas aulas que você fica pintando. A professora colocava a gente para produzir. Por exemplo, teve um acontecimento, porque em certo momento do ano, tudo que a gente tinha produzido era apresentado para o colégio, para a escola. E ela me deu como tarefa, ela pediu para eu escolher o que eu queria, eu escolhi um poema do Castro Alves, que eu recitei esse poema. Então eu fiquei a semana toda, e lavava a louça, e Castro Alves na cabeça, decorando. Eu não lembro qual era o poema, mas era um poema que falava sobre escravidão. E eu fiquei a semana toda. Quando chegou à aula, ela perguntou assim: “Quem fez a lição de casa?”. Eu disse: “Eu fiz. Eu decorei a poesia que tinha que decorar”. E a gente se apresentou. Outra coisa também que eu achei muito interessante, tinha um professor que o chamavam de Rubão, que ele tocava violão, e eu resolvi cantar. E eu cantei. Ele tocou violão e eu cantei. Quando eu acabei de cantar, porque eram três professores, o professor, que não era o Rubão, o outro, que agora esqueço o nome dele, ele disse assim que eu tinha uma voz muito bonita, elogiou a minha voz. Mas nunca fui cantar em outro lugar a não ser lá. E esses momentos foram muitos interessantes, tanto que está gravado na memória.

P/2 – Com certeza.

R – E também a amizade com as pessoas, com os professores, os colegas. Era muito legal. Que a gente encontrava empregadas também, que moravam nos prédios, a gente conversava, fiz amizade também, foi legal.

P/2 – Muito bom. Quer perguntar, Marcela?

P/1 – Eu ia perguntar das amigas mesmo. Bom, me veio à cabeça também assim, você disse que começou a sua vida a partir do momento em que você trocou o seu trabalho. Então, assim, você sente como... O que mais você sente que mudou assim, não só da sua rotina, e do seu tratamento, tratamento com você e a patroa, mas o que mais mudou assim? Você sentiu que mais coisas vieram?

R – Sim. Porque de repente eu era livre. Uma coisa que eu vim a compreender muito depois, mas muito depois, acho que quase que agora, ninguém me prendia. Ninguém. Era eu que me prendia. Porque a liberdade é sua. Se eu dissesse para ela no dia seguinte que eu sairia, eu sairia. Não, eu é que fiquei. Ela não mandou embora e eu fiquei. Eu falei: “Gente, a liberdade estava na minha mão, não estava na mão dela”. Porque a partir do momento em que eu disse assim: “Eu vou embora quinta-feira” – ninguém me segurou. Eu fui. Mas demorou. Mas é assim, tudo é aprendizado na vida. Não foi em vão que eu fiquei lá 14 anos. Tinha coisas dentro de mim que eu tinha que trabalhar, que hoje eu vejo o que eram, que não foi bobagem, eu não fiquei lá... Eu tinha que compreender para poder chegar agora e ter essa compreensão de que a liberdade está dentro da gente. Ninguém te segura em lugar nenhum. Quem te segura é o medo, o medo do desconhecido, o medo de querer enfrentar as coisas, isso te segura, mas pessoa segurar a sua liberdade? A não ser que pegue você e te coloque preso dentro de uma cela, aí é outra coisa. Mas lá eu não estava dentro de uma cela, eu estava dentro de uma casa, que ela ia para o trabalho e eu ficava, tanto que chegou um dia que eu saí de lá. Eu fui para outra casa. Consegui outro emprego e fui para outra casa. Só que eu ainda estava tão presa em mim, que eu liguei para ela, falei: “Olha, eu não estou em casa, não. Eu fugi” “Pega o táxi e volta”. O que você fez? Pegou o táxi e voltou. Eu voltei. Aí é quando acontece toda aquela situação, que eu decido que eu vou embora quinta-feira. E fui. E um horizonte novo se abre, porque de repente eu sou livre, vou... A minha patroa me deu um sábado de folga, todo sábado eu tinha folga, aí eu ia para a igreja, que era o lugar onde eu gostava de ir, de estar, ou então... Passear eu não ia, porque lá eu também tinha as amigas, tinha as pessoas que faziam trabalhos pastorais, como da saúde, como de visitar, de rezar o terço. Então eram coisas que eu também fazia junto. Então era muito importante. Tinha discussão, às vezes tinha encontro de política, aí também ia lá ao salão da igreja, também participava. O meu patrão também era político, aí tinha algum momento, ele também ia lá para o salão da igreja, eu escutava também as palestras, entendeu? Então foi outra fase, outro tempo.

P/2 – Que bom.

P/1 – E, assim, dentre essas pessoas que você passou a conhecer, conviver, tem alguém que te marcou mais assim, que você teve uma amizade mais duradoura?

R – Olha, todos. Todos foram assim muito importantes. Inclusive, outro dia uma dessas pessoas que conviviam comigo ali na igreja, ela está lá em Curitiba, e ela veio para São Paulo e quis reunir todo mundo daquela época, quem ainda estava aqui, tem pessoa que estava em outro estado. Mas quem estava aqui em São Paulo se juntou: eu, a Bernadete, que também era uma pessoa que estava na época, Luís, todas essas pessoas, todos os conhecidos lá, os amigos daquela época. Comecei também a participar do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, aí tinha um momento em que a gente se reunia, ia conversar, ia discutir coisas da comunidade, então era muito interessante.

P/2 – Dulci, você participar, por exemplo, de reunião sobre direitos humanos, de se envolver com essas conversas da igreja, você acha que teve alguma coisa antes que fez você ter esse interesse? Ou de criança, ou de que você aprendeu antes de vir para São Paulo. Como foi despertando esse interesse de você por esses...

R – Eu acho que a curiosidade, viu? Eu acho que era curiosidade, porque como as minhas amigas estavam junto, a gente ia junto. Aquilo que era interessante, eu ficava, aquilo que não era... Tanto que na questão da igreja, eu comecei a trabalhar a catequese. E eu trabalhava a catequese com as crianças pequenas, não era na idade geralmente de sete. Eu pegava os menorzinhos, aqueles que a mãe falava: “Seu irmão vai para a catequese” – eles também queriam vir. Então esses que vinham, que eram os menorzinhos, eu ficava com eles. Era com eles que eu trabalhava a questão da catequese, a importância da natureza, essas coisas assim.

P/2 – Como você prendia a atenção deles? Como você os envolvia? Como era o seu trabalho?

R – Era com desenho, com lápis de cor, essas coisas de criança mesmo. E, interessante, não era a igreja que dava, era eu que comprava. Era eu

que comprava. A igreja não colabora com essas coisas. Eita (risos). Agora já foi.

P/1 – (risos) E nessa época você já era professora?

R – Não era, não.

P/1 – Ainda não.

R – Nem sonhava ainda. Ainda estava fazendo o supletivo. Entendeu?

P/2 – Então a gente vai avançar. Quando você se formou no supletivo, você se lembra desse dia como foi, quando você terminou o supletivo assim? Teve algum momento assim?

R – Teve. Teve sim. Teve um momento de confraternização, que todo mundo estava muito arrumado, muito lindo. Mas não ficou assim tão... Sabe? Aconteceu, acabou, recebeu o que tinha que receber, as homenagens quem estava lá, quem não estava, receber o abraço, assistimos à missa, porque era no colégio... Ah, meu Deus, fugiu o nome do colégio. Santa Cruz, ficava lá na Rua Orobó, lá no Alto de Pinheiros. Então era colégio de padres, então tinha toda uma... Eu gostava bastante. Quando eu não tinha assim muita coisa para fazer na hora do lanche, eu ia lá para a igreja, ficava lá sentadinha. Na verdade, era uma capela, bem simples, bem bonitinha, para você conversar com Deus.

P/2 – Acho que a gente pode avançar para o trabalho e para cá.

P/1 – Ok. E quando você começou mesmo a atuar como professora, como foi esse primeiro contato?

R – Bom, antes de eu atuar, eu tive que prestar o concurso. Bom, eu comecei a me interessar, porque a minha patroa falou assim: “Olha, Dulci, agora você pode fazer outras coisas”. Durante o Magistério, as meninas também já iam procurando escolinha particular para fazer. E eu, como eu trabalhava já de empregada doméstica, eu fiquei lá trabalhando normalmente. Em 1997, foi quando eu me formei, eu comecei... Terminou o ano, tudo. Em 1999 foi que eu fui prestar o concurso. Que eu adquirir algumas apostilas, porque o que eu ganhava também não era muito, ainda fiquei sem a apostila da lei, porque eu também não tinha como comprar, estudei só... Mas, mesmo assim, eu ainda fui bem. Relativamente bem. Porque eu tive uma pontuação assim de uns 50... Eram 60 questões, eu acho que eu acertei 58, 57, por aí. E mesmo que porque uma eu errei porque eu marquei duas vezes, não é que a questão estivesse errada, é que eu marquei duas vezes no gabarito, aí ficou menos. Aí prestei o concurso, passei, não consegui ser titular, mas eu consegui, naquela época tinha de adjunto, que você escolhia lá na DRE, aquelas coisas todas. Aí passou, passou, quando chegou em 2000, eu fui chamada. Eu recebi uma carta lá da DRE, não sei que DRE que era, agora eu não lembro, dizendo para eu tomar posse. Eu passei assim, eu fiquei pensando: “E agora, como eu vou tomar posse trabalhando?”. Até que um dia eu tomei a decisão. Porque você tem um prazo de 15 dias para tomar posse. Mas antes dos 15 eu já estava lá. Fui até a DRE, tomei posse, assinei tudo bonitinho. E tinha que assumir a escola. Fui até a escola. Isso foi no dia 29, eu fui até a escola. Cheguei lá, entrei... Cheguei lá, olhei assim: “Onde fica a secretaria aqui?”. Mas também não perguntei para ninguém, fiquei observando o movimento, as crianças, tudo. Ninguém. Você acredita que eu fiquei das sete e pouco da manhã, até meio-dia, ninguém se aproximou e perguntou quem eu era. Ninguém. E eu conversava com as meninas do recreio, com as pessoas que se aproximavam: “Ah, quem é você?” “Ah, eu vim tomar posse. Estou aqui”. Mas ninguém falava “a secretaria é ali”. Eu não cheguei. Voltei para casa. No dia seguinte, dia 30, eu voltei de novo. Quando eu cheguei à porta, que eu olhei para a escola, tinha uma janelinha assim. Eu falei: “Ah, então ali é a secretaria”. Fui até a janelinha, falei quem eu era, ela falou: “Dá a volta”. Cheguei lá e perguntei: “Onde fica a secretaria?”. Foi quando me indicaram onde era. Aí eu tomei posse e assumi uma sala multisseriada, com criança de tudo quanto era série, coisa de louco. E eu lembro bem, tinha um menino chamado Rodrigo, devia ter uns sete anos, ele vinha para a escola sem tomar café da manhã, porque o leite que ele recebia era para o sobrinho dele que tinha nascido. E ele não tomava o café. E quem disse que esse menino fazia alguma coisa até as nove e pouco da manhã? Era somente um sambinha, bá bá bá bá bá. E eu: “Ah, meu Deus. Vamos, Rodrigo, fazer alguma coisa”. Era só no pagode. Não tinha jeito. É compreensível, a criança de sete anos vem para a escola sem comer, esperava a hora do lanche, e depois do lanche ele ia esperar o quê? A hora de ir embora. Foi nessa escola, nessa turma, eu fiquei lá... Isso foi em maio, eu fiquei até as férias de junho... Não. Fiquei até o final do ano. Ainda surgiu um quiprocó de um menino muito grande já, ele disse que eu tinha batido no rosto dele. Aí lá vai o coordenador pedagógico, me chama, e faz pergunta, se eu realmente bati, eu falei: “Claro que eu não bati”. Ainda foi perguntar para as crianças. Depois tinha um pequenininho que falou assim: “Professora, o Richard pediu para eu mentir, para eu dizer que a senhora tinha batido”. Imagina se esse moleque tivesse mentido, hoje eu não estaria aqui, estaria em outro lugar, não aqui.

P/2 – Que escola era, Dulci?

R – Era... Ah, meu Deus, o nome daquele papa. João XXIII. Escola municipal.

P/2 – Da prefeitura?

R – É. João XXIII.

P/2 – Que região? Que região?

R – Era num bairro chamado João XXIII, lá para o lado... Acho que é lá para o Butantã, para aqueles lados de lá. Que eu levantava cedo, porque eu tinha que entrar de manhã, eu levantava cinco e meia... Cinco e meia não, umas cinco e 15, me arrumar, e tomar café, para poder seis horas estar lá em Pinheiros, para pegar o João XXIII, porque tinha um ônibus com esse nome, para poder ir para a escola, para poder chegar lá sete horas, estar lá.

P/2 – Dulci, e nesse período, você continuou morando na casa?

R – Continuei. Exatamente. Eu continuei, porque eu conversei com ela, porque como a gente não recebe nos primeiros meses, eu conversei com ela se ela não poderia ficar até eu receber. Aí eu fiquei. Isso foi em 2000, eu fiquei lá ainda até o final de 2001. Entendeu? Fiquei lá, ela me pagava, depois aí cortou o subsídio, porque também já estava recebendo, ela contratou outra moça para fazer o serviço, porque aí era diarista, não era mais uma pessoa para ficar em casa, e eu fui... Nesse meio tempo, como eu participei do Movimento de Moradia, que fazia parte do Gaspar Garcia Centro de Direitos Humanos, eu fazia uma atividade educativa com um grupo, no mesmo lugar onde hoje eu moro, com as crianças que na época era tudo criança. Então uma vez por semana, no domingo, eu ia até lá... Eu não era professora ainda, viu? Eu ia até lá e fazia, lia historinha, fazia desenho, cheguei até... Nunca trabalhei com teatro, mas, enfim, inventei de fazer teatro também, a representação do nascimento de Jesus com eles. Então eu fui lidando com essas coisas, sabe? Que foi mais me aproximando da questão da educação. E nesse período que eu estava com eles, eu estava fazendo Magistério já, mas eu ainda não era formada. Era isso?

P/2 – Sim. E como ela chega aqui, né?

P/1 – É. E, assim, como você veio para cá?

R – Ah, tá. Depois que eu trabalhei no João XXIII, que chegou o final do ano, eu fui escolher outra escola em fevereiro. Nisso, eu fui trabalhar na Vila Madalena, no Olavo Pezzotti, que fica lá na Fradique Coutinho. Fiquei lá sete anos trabalhando. Chegou um momento em que o governo resolveu fazer assim: aqueles professores que eram adjuntos se transformaram em titulares. E quando a gente se transforma em titular, não podia ficar na mesma escola, você tinha que escolher outra escola. Eu indiquei todas elas, menos aqui. A minha amiga, que é a minha vizinha, ela falou: “Mas você indicou o Infante Dom Henrique?”. Eu falei: “Não”. Aí eu indiquei aqui e foi aqui que caiu. Aí eu vim para cá em 2009.

P/1 – Foi aí que você se mudou? Ou não?

R – Não, eu me... Para aqui para a Luz?

P/1 – Para a Luz.

R – Que eu me mudei foi em 2000... Final de 2001. Dezembro de 2001, porque em 2002 eu já estava aqui, por essa região da Luz.

P/1 – Sim.

R – E eu ia para a Vila Madalena, pegava o metrô, e eu fiquei lá até 2009, quando eu vim para cá em fevereiro.

P/1 – E como foi chegar aqui? Algo te marcou?

R – Não, fiz novas amizades, era um lugar diferente, totalmente. Porque lá na Vila Madalena são outros papos, né, minha filha? É outra coisa. Você chega aqui, vê um casarão onde ficam as pessoas, as pessoas ficam na rua, gente na rua. Essa vilinha aqui, eu a conheci no tempo em que eu participava do Movimento de Moradia. Então eram pessoas que eu conhecia. Tanto que eu tenho uma amiga até hoje aqui, que é a Cida, que ela está fazendo o EJA aqui na escola. Entendeu? Então a gente vinha aqui também, fazia reunião do Movimento de Moradia, explicando para ele a importância de tomar posse do lugar, de fazer o lugar um lugar digno de se morar, mas nunca o governo deu muita atenção para eles. Tanto que teve a questão de usucapião, mas não aconteceu. Estão aí. Cada um resolveu construir a própria moradia e está essa bagunça, uns moram numa coisinha assim, outros moram nuns palacetes, essa desigualdade.

P/2 – Dulci, essas pessoas que você conhece, elas são as mesmas que moram até hoje? Quer dizer, essa comunidade continuou?

R – São. Continuou. São as mesmas. As pessoas que eu conhecia, que iam lá para a igreja, que participavam das reuniões junto com a gente, são as mesmas. Elas ainda estão aí, que volta e meia eu encontro com elas.

P/2 – E esse Movimento de Moradia que você atuava, ele era junto com o governo, com a prefeitura? Não, era independente esse movimento?

R – Era independente, mas em algum momento a gente ia conversar com a prefeitura, para poder construir. Porque eles entram nos espaços, as pessoas... Por exemplo, tem um prédio desocupado, que ninguém está morando, e tem um bando de gente que não tem. Organiza-se... Não queria falar a palavra invasão, mas...

P/2 – Ocupação?

R – Ocupação. A gente ocupa o lugar para obrigar o governo a transformar aquilo em moradia popular. Moradia para as pessoas. Eu cheguei a fazer isso. Eu não invadi, mas eu cheguei a ir ao terreno, limpar o terreno, fazer, construir alguma coisa para as pessoas aqui na Rio Bonito, por exemplo, aqui no Pari, aqui na Olaria, fazia parte do Gaspar Garcia, que a gente também lutou para que aqui saísse. Entendeu? Era isso. Então tinha um momento que a gente solicitava uma reunião com o governo para poder conversar sobre a construção dessas moradias. Existem outros movimentos, mas esse que eu participava era do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, que a gente se reunia e ia fazer essas ações.

P/1 – E desde que você chegou, em 2009, aqui na escola, o que mudou até hoje?

R – Mudou muita coisa, inclusive a direção da escola. Porque quando eu cheguei aqui era uma pessoa, uma mulher, que tinha outro olhar, outro jeito de ver, depois entrou outra diretora e que saiu também, por fim chega o Cláudio, que aí muda um pouco a escola, dá mais vida para ela, devido às mudanças, pintura, essas coisas, ou seja, organiza um pouco a escola na sua melhoria de apresentação. E também os coordenadores, que muitos têm ajudado a fazer uma educação mais humana, mais voltada para as crianças num olhar que não é somente educar, mas um olhar holístico num todo, como seres humanos e divinos que são.

P/2 – A relação da escola com a comunidade, você acha que mudou em que, Dulci?

R – Deu uma melhorada, porque antes havia, assim, muito roubo, se assaltava muito essa escola. Faziam muito vandalismo. Está menos, mas ainda continua. Está bem menos. Bem menos da época que eu entrei.

P/2 – E você acha que mudou alguma coisa da escola com a comunidade?

R – Sim. Totalmente. Porque eu acho que a escola está indo mais para a comunidade. E a comunidade também, eu acho que aos poucos vem vindo também para a escola. Eu não sei como estão as reuniões de conselho, essas coisas, não sei, mas têm vindo até pais para participar, isso é bom, espero que melhore.

P/1 – Então, e assim, a sua prática com os alunos, o que você vai passar, como é, se mudou muito desde que você começou?

R – Olha, quando eu cheguei para cá, eu trabalhava com o terceiro ano. Depois, eu fui... Depois eu fui trabalhar com o primeiro ano, então foi uma... Eu nunca tinha trabalhado com o primeiro ano. Primeiro, porque eu não me sentia preparada, mas aí eu fiz o Profa, fui fazendo umas preparações. Quando eu fui para o primeiro ano, quer dizer, eu já fui com um pouco mais de conhecimento do que eu tinha no começo quando eu só tinha o Magistério. Então foi uma experiência, não lembro quanto tempo eu fiquei, mas foi assim, sofrido, porque são crianças pequenas que chegam com N problemas, N dificuldades, que você tem que lidar com muita calma, com muita paciência, mesmo que você saia assim esgotada no final do dia. Aí você vai para casa, você toma um banho, você se refaz, se prepara para o dia seguinte (risos).

P/1 – Eu percebo que você tem assim um jeito bem calmo, bem sereno assim.

R – Olha, eu tento.

P/1 – E consegue.

R – Eu tento. Porque volta e meia eu também sou brava, eu também sei chamar para as vias de fato, fazer o indivíduo ver que há momentos para tudo na vida, há momento de conversa, há momento de brincar, e há momento de prestar atenção para aprender.

P/2 – Dulci, e você se lembra de um momento assim marcante quando você estava alfabetizando as crianças? Porque o primeiro ano você alfabetizava?

R – Sim.

P/2 – Você se lembra de uma história?

R – Olha, eu me lembro de uma turma que eu tive, que aquela turma foi assim, desafiante naquele ano para mim. Que acabou o ano assim, os meninos, alguns alfabetizados e a maioria sem ser alfabetizado. Aquilo me doeu na alma. Foi um ano difícil e eu também não estava muito boa. Entendeu? Então eu falava assim: “Meu Deus, como eu vou apresentar para o coordenador isso aqui?”. Mas eu tive que abrir o jogo. Tive que falar: “Olha, tem tal criança assim, assim”. Que foi o ano da Copa do Mundo, eu não estava muito bem. Tanto que a minha cabeça deu um tilt assim, que eu não lembrava como era que preparava aula. Chegava à casa, chorava. “Por que você está chorando?” “Porque eu não lembro como eu preparo aula.” A minha amiga me levou lá, porque a gente parece que nesse ano o recesso foi antes. Minha amiga me levou lá para o sítio, a Neide, você não chegou a conhecer a Neide. A Neide me levou lá para o sítio, fiquei lá com ela um tempo, um tempo não, uma semana, foi o tempo que a gente teve. E eu fazia palavra cruzada com ela, aí falei: “A minha cabeça está começando a ficar boazinha”. Voltei para cá, aí fui preparar aula. A cabeça não lembrava. “Calma. E como você fazia?” – minha irmã perguntava. “Ah, eu fazia assim, assim, assim.” Aos poucos eu fui voltando novamente a fazer. Mas foi um ano muito difícil.

P/2 – O que você acha que provocou isso, Dulci, esse estresse? Tem uma causa específica? O cansaço?

R – Eu acho que é tudo. É tudo. Uma sala difícil, entendeu? A escola com um clima muito difícil, então tudo foi propício. Uma Copa do Mundo muito maluca.

P/2 – Quantos alunos na sala?

R – Se não tinha 30, tinha 29, mas era menino, tinha bastante. Eu não lembro se nessa turma tinha um aluno chamado Marcos, eu não consigo lembrar. Porque Marcos era um aluno assim, que não sei como, ele fazia xixi nas calças. E até hoje ele tem esse problema. Tinha hora que ele ficava zangado, porque eu chamava atenção, dizia para ele fazer, e mesmo assim ele se alfabetizou, entendeu? Mas o resto, por mais que eu lutasse, por mais que eu fizesse, não foi. Tanto que eu cheguei até perguntar para a Solia: “Solia, você já teve alguma turma que você alfabetizou

muito pouco?”. Ela falou: “Já?”. Falei: “Ah, então está dentro da normalidade” (risos).

P/1 – Acontece (risos).

P/2 – E uma situação que você falou: “Nossa, que legal que deu certo”? Uma assim, sabe, que traz boa lembrança.

R – Eu tinha uma estagiária muito boa, que era a Rodi. A Rodi era uma alma, assim, incrível. E ela estava fazendo faculdade também, aí ela me trouxe o retorno. Ela falou: “Olha, Dulci, eu estava conversando com a minha professora e ela disse que você está fazendo aquilo que deve ser feito”. Eu falei: “Beleza”. Eu falei: “É isso mesmo”. E no final, os meninos estavam.. Não todos, teve uns dois que estavam, mas aí foi um ou dois, e não dez, 15, sem ser alfabetizados. Então foi esse o momento, na alfabetização. Depois eu fui para o segundo ano. Segundo ano também tive turmas assim muito difíceis. Muito difíceis na aprendizagem. Muito difíceis. Essa turma agora que está no quarto ano foi uma turma difícilíssima para aprender. Difícilíssima.

P/2 – Se você vai falar deles assim, Dulci, desse grupo de alunos aqui dessa escola, o que é mais... Qual o perfil deles? Se foi mudando. Você está aqui desde...?

R – 2009.

P/1 – Dez anos.

R – Sim.

P/1 – Foi mudando o tipo de aluno, origem?

R – Foi. Por exemplo, os bolivianos sempre foram muito presentes, mas depois foram chegando os de outras nacionalidades, os chilenos, os paraguaios, sírios, e foram chegando outras nacionalidades para cá. Talvez até um pouco do trabalho do próprio Cláudio, que tinha um projeto de Escola Apropriada, não sei se estou falando muito bem a palavra, que trabalhava com esses meninos de outra nacionalidade. Porque, na verdade, os bolivianos não são bolivianos, eles são descendentes de bolivianos, mas eles sofrem muita discriminação. Muita discriminação. Que eu acho um desrespeito muito grande, tanto que na sala de aula eu falo: “Aqui todos nós somos iguais, todos nós merecemos ser tratados com respeito”. Mas a diferença é clara. Por exemplo, nessa sala que eu estou, tem um menino que ele não senta ao lado do boliviano, mas nem pedindo. Não senta. Ele falou: “Do lado dela? Não”. Não quis sentar e você tem que respeitar.

P/2 – E de onde vem? Eles falam por que eles não querem sentar, se eles ouvem de alguém isso?

R – A maioria ouve. Porque o preconceito não nasce com a criança, a criança aprende com a família o preconceito. Porque fede, porque não toma banho, porque não sei o quê, inventa o que que tem que inventar. E na verdade não é isso, eles são seres humanos como todos nós somos, tomam banho, comem, têm as suas necessidades iguais a todos, então não entendo por que essa diferença. Então teve, teve bastante. Hoje bem menos, mas ainda tem. Ainda tem. Agora, como que se vence isso é o desafio, ninguém sabe. É trabalhando, para que a próxima geração tire isso do rol da vida, de não ter esse tipo de preconceito, de respeitar as diferenças, que é isso que se aprende.

P/1 – Bom, eu queria te perguntar, assim, o que para você hoje é importante? Se você busca alguma coisa, quais são seus sonhos.

R – Busco. Busco educar crianças. É isso que eu busco na minha vida. Até o dia que eu me formar, aí eu vou cuidar de outras coisas. Essa é a minha busca, o meu desejo, que a educação melhore, que ela se humanize, porque ela está muito desumana. Antigamente, a gente ficava feliz quando ouvia falar da educação, parecia que era uma coisa natural. Hoje não. Hoje, quando você escuta, fala assim: “Nossa, como eu sentia saudade de falar sobre isso”. Porque quando se fala de educação, se fala muito ruim, de uma maneira muito ruim. E aquelas coisas boas que a gente ouvia na educação ficam muito distantes, é como se fosse algo histórico, que aconteceu lá não sei onde.

P/2 – O que seria, Dulci, isso que você ouvia isso antes, que agora você não ouve mais? No seu dia a dia, na sua prática?

R – Na minha prática, normal, a gente continua com as esperanças. É quanto à questão do governo, que você não escuta, dizendo assim que faculdade, universidade é para intelectual. Isso é terrível de ouvir. E a gente tinha um discurso de que faculdade é para todos. Isso fica distante, sabe? Quando você escuta que universidade é para intelectual, aquele discurso de que todos têm que estar na faculdade fica... Você fala assim: “Nossa, que saudade”. Quando você ouve, você fala: “Ah, que saudade que me dá de ouvir essas coisas”. Entendeu? É isso.

P/2 – Eu preciso perguntar uma coisa lá de trás. Tudo bem? Que ainda tem um tempinho.

R – Tá.

P/2 – Você resolveu vir para São Paulo, que você chegou aqui com 14 anos, ou 15?

R – Por aí.

P/2 – Como foi essa decisão? Como você resolveu vir você e seu irmão assim, não conhecia ninguém?

R – O meu irmão decidiu vir para São Paulo, não sei por que, por qual motivo, e ele me chamou: “Você não quer ir para São Paulo comigo?”. Oxe, meu irmão me chama para vir para São Paulo e eu não venho? (risos).

P/1 – (risos).

R – Eu nem sabia quem era São Paulo, o que havia por aqui, ele chamou para vir, eu vim. Mas eu também trouxe na minha bagagem a ideia de que eu ia continuar os meus estudos. Entendeu? Eu não vim simplesmente para vir. Eu vim, mas tinha um propósito de continuar meus estudos, coisa que dentro daquilo que eu tinha pensado não deu, mas depois aconteceu.

P/1 – E eu lembro que você comentou que foi logo depois que seu pai havia falecido.

R – É.

P/1 – Teve alguma ligação com isso a decisão dele, você acha?

R – Do meu irmão?

P/1 – É. De vir.

R – Pode ser, porque ele era muito ligado com o meu pai. Pode ser.

P/3 – Sua mãe se casou pela segunda vez depois que seu pai faleceu? Ou já era...

R – Não, antes. Porque o meu pai já deve ser, sei lá, o segundo ou terceiro marido, porque todos morreram antes. Os que ela teve faleceram antes, não que ela tivesse se separado, entendeu?

P/1 – Entendi.

P/2 – E quando você chega aqui, Dulci, que você foi morar nesse lugar, teve algumas situações também que foram bastante... Antes de você ir trabalhar nessa casa. Logo que você... A viagem, quando você chega, porque logo depois de dois dias você já foi para essa casa, né?

R – Não. Acho que demorou um mês.

P/2 – Ah, um mês.

R – Ou três semanas. Porque, imagina, para dois homens ficarem com uma pessoa, uma menina, uma moça, com eles, deve ser chato para chuchu. Então eles: “Vamos tirá-la. Vamos arrumar um emprego para ela, porque aí a gente fica na nossa”. Eu acho que deve ter sido esse o pensamento, porque eu ficava lá, precisava trabalhar realmente, e eles tinham a vida deles.

P/2 – E aqui, chegando aqui a São Paulo, o que mais te impactou assim? O que mais te mostrou o que era São Paulo?

R – Eu acho que o frio. O frio era muito intenso naquela época que eu cheguei para cá, tanto que quando eu fui para essa casa, que eu lavava o quintal, aqueles dias frios, era terrível. E de chinelo ainda, porque não tinha bota, quem tinha bota era a patroa, não eu, então era muito dolorido isso. O frio era muito intenso.

P/2 – Então a gente já vai chegar ao fim, Dulci. Tem alguma coisa que eu e a Marcela não perguntamos, que você acha muito importante registrar, contar aqui da sua história?

R – Ah, eu falei tanto. Falei de tudo. Acho que praticamente falei de tudo. Não. Eu acho que só ressaltar o quanto a minha patroa foi generosa comigo, o quanto ela abriu mão de ter uma empregada em casa para fazer as coisas, fazer o jantar que o marido dela tanto desejava, porque para ele, empregada é empregada, mesmo sendo um político. Então ela foi uma pessoa assim de uma alma grandiosa, que eu agradeço assim. É infinito o meu agradecimento a ela. Porque se não fosse por esse desprendimento dela, eu não teria conseguido, com certeza. Eu ainda queria até fazer música, estudar violão. Eu acho que ela falou assim: “É demais também, né?” (risos).

P/2 – (risos) E depois você resolveu?

R – Eu não consegui fazer, não. Até hoje ainda não fiz. Mas ainda sinto falta, não para mim, mas para ter mais um subsídio para a educação, entendeu? Porque as crianças, elas amam música. E música é universal, é eterna. Então é muito bom. Eu queria aprender, mas ainda não deu.

P/2 – E de curso, estudo, você depois do Magistério se interessou...

R – Ah, eu fiz. Fiz. Fiz o Profã, que era Formação para Alfabetizadores. Fiz o Pnaic, que o governo também criou. Fiz a Pedagogia também, fiz o Santillana, fiz vários cursos para poder ensinar. Mas eu acho assim, uma coisa é você fazer o curso e ver, outra coisa é você trazer para a realidade e fazer a coisa acontecer, porque ainda é um professor por turma. Pelo menos se tivesse dois, pelo menos, já seria diferente, já seria uma ajuda maior.

P/2 – O maior desafio qual é, Dulci, hoje no seu dia assim, no seu cotidiano na sala?

R – É fazer as crianças ouvirem. Que eles falam muito. Eu não sei se é próprio da idade, eu não sei o que é, mas os bichos falam, falam, falam, que eu falo: “Gente, controle essa coisinha que têm dentro da boca. Dê um descanso para ela”. Porque eles falam e falam muito, viu? E isso distrai muito a atenção. Porque tem que ter foco, tem que focar para você poder aprender. A luta é essa, é alfabetizar menino nessa dinâmica que fala. Gostaria que as salas de aula fossem diferentes, fossem mais amplas, que pudesse fazer coisas mais variadas, mas não dá. Mesmo que a gente queira, não dá. Sozinha não dá. Não dá, não. Pode até ir para outros espaços, fazer outras coisas, mas não dá.

P/2 – É muito aluno para uma pessoa.

R – É muito aluno. E eu estou com 31. Então é muita gente. Muita gente.

P/2 – O que você achou de contar a história para a gente?

R – É muito bom. Conversar é legal. É maravilhoso conversar.

P/2 – E você estava achando que não ia ser bom.

R – Ah, eu estava insegura, sinceramente. A gente sempre fica. Porque a gente fala: “Ah, vai que eu não falo direito. Vai que eu troco os S pelos R, vai dar maior confusão”. Até que eu errei menos. Eu espero que vocês editem bem bonitinho.

P/2 – Não errou nada. Para nós...

P/1 – Não errou nada.

P/2 – Mas o que você achou de contando?

R – Ah, a gente revive tudo, volta. Eu me segurei para não chorar, porque cada lembrança seriam duas, três, 40 lágrimas. Mas eu me segurei para não chorar, porque são muitas emoções, muitas lembranças. Eu já tenho 60 anos de idade, quer dizer, já vivi muita coisa. Hoje eu posso dizer, eu tenho 60 anos e já vivi muito.

P/1 – Com certeza.

P/2 – Muito bom. E para nós foi um privilégio ouvir você.

P/1 – Verdade.

R – Ah, muito obrigada.

P/2 – Obrigada.

R – Imagina, gente. Eu que me sinto feliz de ter vocês.

FINAL DA ENTREVISTA